

ANTOLOGIA POMBALINA

VII



CORREIA GARÇÃO [1759]

Ode XXXI

Ao Ex.mo Conde de Oeiras¹

ESTROFE

Tu, difícil Virtude, dom celeste
Que meus hinos governas,
Tu que, sereno o rosto,
De Cévola² puseste a mão no fogo,
Que, invicta, não receias
De purpúreos tiranos a presença,
Que Régulo³ mandaste
Pelos cepos trocar a liberdade

ANTÍSTROFE

Tu me chamas aqui para em meus versos
Da venturosa Oeiras
Cantar a nova glória,
Do magnânimo Conde, o amor da pátria!
Se o raio luminoso
Por sobre ele brilhou com que tu mostras
A constante justiça,
O valor e a prudência, ouça meus versos.

1 Foi lida na sessão da Arcádia, em 29 de outubro de 1759, comemorativa da elevação de Sebastião José de Carvalho e Melo à dignidade de Conde de Oeiras, fato expressamente mencionado no texto. (N. E.)

2 Cévola (C. Múcio) pôs a mão no fogo para convencer o rei Porsena, que cercava Roma, de que trezentos romanos estavam preparados para lhe dar morte, o que levou o dito rei, amedrontado, a selar a paz. (N. E.)

3 Régulo (Marco Atílio) constituiu-se voluntariamente prisioneiro dos cartagineses, para que os seus compatriotas não fizessem a paz com estes. (N. E.)

EPODO

Não me instiga a lisonja; não invoco
As Musas fabulosas;
O Céu, o Céu m'inspira: da Verdade
Os trovões e relâmpagos me cercam.
O intrépido zelo,
O florente comércio, a paz dourada,
Não são cinzas de Troia ou de Cartago.

ESTROFE

Vinde, sonoros hinos, sobre minha
Cítara ditosa
Batei as brancas asas!
Fremam, caiam de Alcides⁴ as colunas!
Pelos etéreos campos
Das que vos trazem rápidas carroças
Ouço gemer as rodas,
Dois luminosos círculos abrindo!

ANTÍSTROFE

Que mais fiel Sibila que a experiência?
Não fala, não responde,
Sem do profundo abismo,
Evocarmos a sombra de Tirésias⁵?
Testemunhas maiores
São de tuas ações, sábio Ministro,
O Trono defendido,
A Pátria restaurada, e nós felizes!

4 Alcides: Hércules. (N. E.)

5 Tirésias: adivinho mitológico. (N. E.)

EPODO

As nove ricas pérolas que brilham
No coronal dourado⁶,
Que teu semblante plácido guarnecem,
Por prémio te são dadas, não exemplo.
Virtudes coroam,
E Virtudes impávidas domaram
A cruenta Discórdia, a vil Cobiça.

ESTROFE

Mas negro fado, que árbitro se julga
D'impérios e cidades,
Temia erguer Lisboa,
Coroadada de mil torres, a cabeça;
As artes e ciências,
À sombra de teu nome, receava
Da bárbara ignorância
Os pesados grilhões despedaçarem.

ANTÍSTROFE

Bramir já via justamente atada
Em ferros vergonhosos
C'o rosto descorado
A perversa doutrina abominável⁷;
Nas cerúleas espáduas
Erguer o Tejo mil rompentes quilhas,
E respeitar Arcturo⁸
As sagradas bandeiras lusitanas.

6 Alusão à coroa de conde com que fora distinguido o marquês" [os dois primeiros versos]. (N. E.)

7 A perversa doutrina: alusão aos jesuítas com quem Pombal entrou em conflito anteriormente ao terramoto, em consequência da criação da Companhia do Grão-Pará e Maranhão. (N. E.)

8 Alusão ao regulamento das frotas e serviço dos portos. Arcturo: Ursa Maior. (N. E.)

EPODO

Abrir o Grão-Pará os fulos braços⁹,
E em seus verdes cabelos
Roxos corais e aljôfares atando,
Nas douradas manilhas ler teu nome;
C'o farpado tridente
Que ergue a já livre mão, lançar por terra¹⁰
Os nefandos altares da avareza.

ESTROFE

As santas leis, magníficos projetos,
O público sossego,
O reino venturoso,
Com cruéis olhos via o triste Fado!
Ocultá providência
Cevá-lhe permitiu em nosso sangue
As áridas entranhas:
Nãó valeram incensos nem altares.

ANTÍSTROFE

Já o fatal decreto a mão potente,
Justiceira, rubrica;
Procelosos vapores
As convulsas cabeças levantaram,
Dos cárceres terrenos
Abalaram indómitos os muros,
E aos hórridos bramidos
Estremeceu a mísera cidade!

9 Alusão à criação da Companhia do Grão-Pará. (N. E.)

10 Alusão à lei da emancipação dos índios da América. (N. E.)

EPODO

Estremeceu a serpe¹¹ triunfadora,
Que, no real escudo,
Tantas vezes voou sobre as profanas
Despedaçadas luas agarenas¹²!
Silvou espavorida
Nas escamosas asas mal segura:
Tão mudada ficou a natureza!

ESTROFE

A pávida Lisboa desgrenhada
Em negra cinza envolta,
Vendo os reais castelos
Caírem-lhe na frente destroçados,
Em ti fixou os olhos,
Os olhos em ti pôs, ilustre Conde!
Em ti que sacrificas
À pública saúde teu cuidado.

ANTÍSTROFE

Qual a casta Penélope, chegando,
À pátria saudosa
O desejado Ulisses,
Os traidores amigos não temia,
Da simulada teia
Larga a tarefa, as lágrimas enxuga,
Assim, assim Lisboa
Em teus braços descansa, em ti confia.

11 Serpe triunfadora: “O timbre das armas de Portugal é uma serpe alada, ou dragão” (*Dicionário Portugal*, V.º *Timbre*). Esta serpe, diz o poeta, muitas vezes derrotou os muçulmanos, aqui aludidos pelas “luas” das suas bandeiras. (N. E.)

12 Luas agarenas: veja nota anterior. (N. E.)

EPODO

Nos grandes p'rigos brilham almas grandes,
Tindáridas estrelas¹³
Que, na força da negra tempestade
Aplacaram o furor das bravas ondas:
O piedoso Eneias,
A poucas cinzas Troia reduzida,
O pai salvou, amigos e penates.

ESTROFE

Clamar ouvimos a infeliz cidade
Aos altos céus erguendo
As mãos enfraquecidas;
Ainda os ecos ouvimos destas vozes;
– “Se em tuas santas aras
Puro incenso queimei, Senhor, guardai
O constante Ministro,
O defensor do lusitano Augusto!”

ANTÍSTROFE

Assim aflita, assim a pátria ilustre
Por ti ao Céu clamava!
Os polos abalaram
C'um tremendo sussurro respondendo!
Desceu celeste chama
Sobre os destroços dos caídos templos;
E recobrada esperança
Agoirou mil venturas do presságio.

EPODO

Ainda guardadas tenho, excelso Conde,
Em minha rica aljava

¹³ Tindáridas estrelas: alusão à constelação dos Gêmeos – Castor e Pólux –, filhos de Tíndaro. (N. E.)

Mil refulgentes setas que podiam
Os olhos assombrar do torpe vulgo;
Porém da mão me arranca,
Não sei que força, a cítara soberba!
Mas quem há de calar a tua fama?

ESTROFE

No Ménalo¹⁴, se Arcádia não levanta
Em honra de teu nome
Uma soberba estátua
De rico jaspe, como tu mereces,
Seus hinos te consagra,
E neles viverá tua memória.
Teu nome escreveremos
Em nossos corações, em nossos versos.

ANTÍSTROFE

Dirceus hinos¹⁵ que sobre as áureas liras
Lançais eternas luzes,
E ao som de ilustres nomes,
Espalhais da Virtude os resplendores.
Vós a lúbrica¹⁶ fouce
Tirais da mão do Tempo, e derramando
O volúvel¹⁷ relógio,
Senhores vos fareis da eternidade!

EPODO

Não ergue a mão cruenta a fria Morte
Contra sonoros versos!
Em vão levanta templos e colunas
Quem da pátria os louvores não merece.

14 Ménalo (monte): nome pastoril da sede da Arcádia. (N. E.)

15 Dirceus hinos: hinos poéticos. (N. E.)

16 Lúbrica: deslizante, escorregadio. (N. E.)

17 Volúvel, no sentido latino: que corre, que não para. (N. E.)

Teu zelo incontrastável,
Tuas ações ilustres cantaremos!
A macilenta Inveja
As víboras cerúleas despedace!

Fonte: *Obras completas* Prefácio, texto fixado e notas de António José Saraiva. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1982, v. 2, pp. 164 -72.¹⁸

¹⁸ Esta edição foi localizada pelo Dr. Luís Pinheiro, investigador do CLEPUL, que nos enviou cópia do poema transcrito.

CARVALHO

Écloga IV¹⁹

Alcino e Dorindo

Dor. Meu Alcino, que à sombra desta faia
Recostado com tua doce avena
Desafias as Ninfas desta praia,
Como conservas a alma tão serena
Entre os duros espinhos do teu fado?
A todos nos faz mágoa, caro Alcino,
Ver que um Pastor da Arcádia tão gabado
Tenha tão má fortuna, que o destino
Lhe não conceda pastos, nem rebanho:
Como estás sem cuidado em mal tamanho
Aos outeiros, aos bosques ensinando
O nome de Carvalho em verso brando?

Alc. Ah quem de Cisne a digna voz tivera,
Que tão alto Pastor cantar pudera!
Deste Carvalho à sombra descansando
Estão do Tejo todos os Pastores:
As mais das horas passo aqui cantando
Com minha humilde frauta os seus louvores,
E sempre cantarei seu nome, e fama,
Enquanto o Céu quiser que na espessura
Goze a sombra, que espalha a crespa rama.
Se eu tivera cordeiros, os melhores
Lhos oferecera com vontade pura
Adornados das mais cheirosas flores.

¹⁹ Celebrando a Arcádia o despacho do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Oeiras. Realizada a 29 de outubro de 1759, esta sessão é a mesma em que Correia Garção apresentou a sua Ode XXXI, aqui igualmente transcrita. (N. E.)

Dor. Esse Pastor conheces decantado,
Que tanto louvas? dize, Alcino amado.

Alc. Eu não cuidei que ele era semelhante,
Que louco fui! aos nossos guardadores,
Que o gado antes que raie o Sol brilhante
Guiava para os ásperos outeiros,
Que os vigorosos membros guarnecia
Com as humildes peles dos cordeiros,
Que a nossa fruta rústica tangia.
Mas tanto este Pastor engrandecido
De nós outros Pastores se distingue,
Quanto o Cisne do corvo denegrado.

Dor. E como vistes já sua figura?
Tu à Cidade fostes por ventura?

Alc. Por ir a ver os montes arruinados
À que chamam Cidade de Lisboa
Um dia me ausentei dos nossos prados.
Oh quanto ver estrago tal magoa!
Caro Dorindo, bem não sei dizer-te
Qual a planta ficou, que o raio ardente
Em cinza a verde rama lhe converte
Ah Dorindo! vi cousas portentosas;
Maravilhas soberbas, e espantosas
Entre as ruínas ainda representa.
Aqui nas fraldas de um despenhadeiro
Um pedaço de um arco se sustenta
Em colunas mais altas que um sobreiro:
Ali para outra parte mais espanta
Uma torre de um Templo destroçado,
Que aberta, e estalada se levanta
Como aquele distante, e alto monte,
Que nas nuvens esconde a verde frente:
Ali sobre uma fonte colocado
Um Apolo se vê de jaspe duro

Com a lira na mão, mais bem lavrado
Que os que Montano faz de cedro puro.

Dor. Se tu a visses, quando eu lá levava
A vender os cabritos, e as novilhas,
Que a mão de ouro pesado carregava,
Então verias grandes maravilhas,
Então cousas teus olhos lá veriam,
Que ali ficar pasmado te fariam;
Mas agora só lá se vem²⁰ mofinas,
Montes de cinza, montes de ruínas.

Alc. Ah Pastor, tu verás em breves dias
Lisboa renascer de cinzas frias,
Assim como dos troncos desfolhados
Vês renascer na Primavera as flores:
Agora mais que nunca afortunados
Se chamarão os seus habitantes.
Ali naqueles montes vi o famoso
Carvalho, de quem hoje a Arcádia canta,
E aqui sempre seu nome glorioso,
Que acima das estrelas se levanta,
Nas frautas ouvirás destes Pastores.
Ele me ouviu cantar, e ao meu canto
Humilde deu benigno mil louvores,
E me disse: Pastor, torna aos teus montes,
Que eu te fio que ainda com descanso
Sentado nas sombrias, frescas fontes
Apascentes cantando gado manso.
Não te temas da sorte desumana,
Que inda pastos terás, terás cabana.

Dor. Oh venturoso Alcino! alto reparo
Conseguistes com forte segurança
Contra o fatal poder do fado avaro.
Em mais seguro arrimo não descansa

²⁰ Por “veem”; não atualizado para preservar a métrica.

A vide, que o robusto chopo²¹ abraça.
Ó venturoso Alcino, neste rio,
Que murmurando as águas embaraça
Nas altas pedras, lá do ardente Estio
A calma passarás em paz gostosa,
Tocando a tua fruta sonora
Naquela fresca sombra dos rochedos,
Que pendem sobre a praia coroados
De heras, e de frondosos arvoredos,
Os versos ouvirás mal concertados
Dos cansados, e rudes Pescadores,
Que ao som dos duros remos vão cantando.
As abelhas, que ali das tenras flores
Andam o mel gostoso fabricando,
Com seus brandos sussurros a corrente
Por entre os lisos seixos murmurando,
E os Zéfiro soprando levemente
Te estarão pela sesta adormentando.

Alc. Ah! que se tu falasses, meu Dorindo,
Ao grão Carvalho, seu saber profundo
Verias no seu rosto reluzindo.
Não creio que haja homem cá no mundo
De tão alto saber, de tanto aviso,
Té sabe aqueles versos, que cantava
O Pastor, que deteve o claro Anfrísio,
E as sonoras cantigas, que entoava
O Pastor da Sicília antigamente.
Ninguém há tão ousado, que se atreva
A contender com ele, é tão ciente,
Que ao mais destro Pastor ventagem leva.
Se o Deus Pã c'os seus sátiros caprinos
C'os humanos Pastores disputasse,
Só Pã com sua fruta, e com seus hinos
Co' grão Carvalho contender podia,

21 Forma popular de “choupo”, não atualizada por caracterizar a linguagem rústica dos pastores. O mesmo ocorre no verso 139.

E o mesmo Pã vencido ficaria.
Ele melhor que o velho Nemeroso
Sabe o tempo, em que a terra as sementeiras
No amoroso, e sulcado seio abraça,
Para depois encher de grão as eiras,
E conhecer a nuvem, que ameaça
Lá da parte da serra a tempestade,
Para com tempo recolher o gado,
Sem que sinta da cheia a mortandade.
Ele os mais bravos touros tem domado,
Que faziam mugindo enfurecidos
Os vales retumbar espavoridos.
Ele sabe como há de ser podada
A vide, que no chopo se segura,
Para vir de mais caixos²² carregada:
Ele sabe também de leme, e remos,
E mil cousas enfim de grande altura,
Que nós outros Pastores não sabemos.

Dor. Ah Pastor, o saber é grão tesouro,
O saber deu a Liso imortal nome,
E a douta fronte lhe cingiu de louro.
Sempre ouvi que o saber levanta o homem
Mais alto que as estrelas: que louvores.
Esse maioral tão sábio não merece?
Algum dia eram sábios os Pastores,
Que apascentam aqui nestes outeiros;
Porém depois que lá do Manzanares²³
Cá passaram uns rudes estrangeiros,
Tanto no seu mau uso nos puseram,
Que das suaves frutas a pureza
Em feia, e rouca trompa converteram,
A cujo som os Sátiros fugiam,
E nas águas as Ninfas se escondiam.
Graças aos altos Céus, que nos têm dado

²² Forma popular de “cachos”, não atualizada por caracterizar a linguagem rústica dos pastores.

²³ Manzanares: rio que atravessa Madrid; certamente para aludir ao domínio espanhol de Portugal e à influência da sua literatura barroca.

Um sábio maioral, por quem veremos
O nosso antigo canto restaurado.

Alc. Dos Carvalhos é muito antiga a fama:
Eles sempre Pastores governaram,
Sempre foram maiorais, e a sacra rama
Do verde louro muitos têm cingido;
Mas este mais que todos estendido
Tem pelo mundo o nome glorioso.
Os justos Céus lhe têm abençoado
Seus campos, e rebanho numeroso:
Eles um tenro filho lhe têm dado,
Que mil bens nos promete, em quem veremos
Reproduzida a sua fama, e glória.
Ah bom Carvalho, quanto te devemos!
O teu nome feliz, tua memória
Em pedra branca sempre escreveremos.
Aquele alto Pastor²⁴, que estende o mando
Do Tejo té às bárbaras campinas,
Que o dilatado Ganges vai regando,
Pelo grande saber o estima tanto,
Que grão parte do mando seu lhe entrega;
Mas este alto Pastor bem sabe quanto
O bom Carvalho em nosso bem se emprega.
Novos campos agora, novo gado
Nas margens do Mondego, e nas do Tejo
Em merecido prêmio lhe tem dado.

Dor. Graças ao Céu, Alcino, que já vemos
Dado o prêmio do bom merecimento:
Sempre, ó Alto Pastor, te louvaremos,
Pois sabes premiar o grão talento.
E tu, sábio Carvalho, o Céu estenda
Por largo tempo tua vida amada;
Do mau olho, e do lobo te defenda
A formosa, e pacífica manada.

24 Alusão ao Rei D. José I.

Sempre os teus campos dem²⁵ louras espigas,
Sem que as afogue a importuna grama
Mal logrando tão ásperas fadigas:
Sempre vejas a inveja, que derrama
Mordaz veneno sobre os venturosos,
Debaixo dos teus pés atropelada,
Torcendo os feios olhos sanguinosos
Mordendo a terra já desesperada.

Alc. Pastor, o Sol se ausenta já da selva,
E apenas lá por cima da montanha,
Daquela ali defronte doura a relva:
Já na Arcádia se dá princípio à festa,
Que ao famoso Carvalho se dedica,
A turba dos Pastores já se apresta,
Nenhum serrano pelo pasto fica,
Que não corra a cantar os seus louvores.

Dor. Pois vamos nós também c'os mais Pastores.

Alc. Espera, meu Dorindo, antes que vamos
De rama de carvalho nos croemos²⁶,
Que até de Apolo já por estes ramos
O verde louro desprezado vemos,
E já todo o Pastor da Arcádia bela
De rama de carvalho traz capela.

Fonte: *Obras poeticas de Domingos dos Reis Quita, chamado entre os da Arcadia Lusitana Alcino Micenio*. Tomo I. Lisboa: Oficina de Miguel Menescal Costa, Impressor do Santo Ofício, 1766, pp. 24-30.²⁷

²⁵ Por “deem”, forma não atualizada para preservar a métrica.

²⁶ Por “coroemos”, licença poética que preserva a métrica.

²⁷ Esta edição foi localizada pela Mestre Evelin Guedes (CLEPUL), que colaborou com Vania Pinheiro Chaves na atualização e anotação do poema.

Soneto

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Conde de Oeiras

Ergue de jaspe um globo alvo, e rotundo,
E encima a estátua de um Herói perfeito;
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,
Que o seu nome enche a terra, e o mar profundo.

Mostra no jaspe, Artífice facundo,
Em muda história tanto ilustre feito,
Paz, Justiça, Abundância, e firme peito,
Isto nos basta a nós, e ao nosso Mundo.

Mas porque pode em século futuro,
Peregrino, que o mar de nós afasta,
Duvidar quem anima o jaspe duro,

Mostra-lhe mais Lisboa rica, e vasta,
E o Comércio, e em lugar remoto, e escuro,
Chorando a Hipocrisia. Isto lhe basta.

Faevis... periclis
Servati facimus.
Virg. *Æn*, VIII.

Fonte: *O Uruguay. Poema de José Basilio da Gama na Arcadia de Roma Terminando Sipilio [...]*. Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1769.

Ode XXVIII

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Marquês de Pombal,
reformando a Universidade de Coimbra.

ESTROFE 1

Bela Ninfa do Ilisso, alta princesa.
Da populosa Grécia, insigne Atenas,
Da passada grandeza
Em vão batendo as orgulhosas penas
Às nuvens te remontas,
Inda que os Numes entre si se armassem,
E de exaltar-te a honra disputassem.

ANTÍSTROFE 1

Sei de quanto esplendor a fronte augusta
De Minerva te ornou o ilustre braço:
Sei que Nêmesis justa
Firmou o áureo sólio em teu regaço;
Que nele da justiça
As primeiras faíscas cintilaram,
Que no Lácio depois tanto brilharam.

EPODO 1

Sei que no eterno alcáçar da memória
Indelével gravaram
Sócrates e Zênon a tua glória;
E Sólon que prudente as leis modera,
Que de sangue mão ávida escrevera.

²⁸ Ano em que o Marquês de Pombal entregou os novos Estatutos da Universidade de Coimbra, em solenidade que teve lugar na referida instituição, a 29 de setembro de 1772.

ESTROFE 2²⁹

Sei que teu nome à eternidade voa:
Mas nem por isso esperes arrogante
Roubar a imortal c'roa,
Que na frente hoje cinge triunfante
A famosa Coimbra;
Pois de Pombal a clara e fausta estrela
Com seus raios a cobre, e faz mais bela.

ANTÍSTROFE 2

Já em seu seio a suspirada Astreia³⁰,
Rasgando o negro véu com que a cobria
A ignorância feia,
Aos braços da polícia os mortais guia.
Brilha a tremenda espada:
E ao vê-la, sem asilo, consternados,
Caem os vícios por terra derrubados,

EPODO 2

Nas mãos da religião cintila pura
Da fé a imortal tocha:
Já com robusto pé calca segura
Inda banhado em sangue o fanatismo,
Aborto horrendo do execrando abismo.

ESTROFE 3

A sã³¹ filosofia que até agora
Só e sem culto esquálida jazia,
Vê roxear a aurora
De seu império, cheia de alegria.

²⁹ Estr. 2. v. 4. e seg. Que na frente hoje cinge &c./ o. l. Que na frente circula triunfante/ Da famosa Coimbra;/ Pois hoje de Pombal a fausta estrela./ Com seu influxo a cobre, e faz mais bela. (N. E.)

³⁰ No original: "Astrêa", rimando com "fêa" (v.3). Também na Estrofe 3: "chêa".

³¹ No original: "sãa".

De raios, e de flores
Cercado o gentil rosto ergue vaidosa;
Do erro e preocupação vitoriosa.

ANTÍSTROFE 3

Ali oh quanta ofrece alta riqueza,
Abrindo seu tesouro majestoso,
A fértil natureza!
Já do Liceu o jugo vergonhoso
Impávida quebrando,
Entrega de seus reinos a opulência
Nas destros mãos da sólida exp'riência.

EPODO 3

Ali d'arte sutil a alma guiada,
Já pisa sem receio
Da formosa verdade a oculta estrada;
Estrada que fecharam com destreza
Negros monstros de sórdida avareza.

ESTROFE 4³²

Rompendo dos sentidos a barreira,
O voo por imenso espaço estende,
E na veloz carreira
Sua existência a conhecer aprende.
Então batendo as asas;
A contemplar se arroja a divindade,
Dentro ao sagrado horror da eternidade.

³² Estr. 4. v. 5. Então batendo as asas,/ o. l. Então rasgando as nuvens. (N. E.)

ANTÍSTROFE 4³³

Lá no supremo bem toda elevada,
A olhar aprende, impávido o semblante,
Do fado a mão irada:
Com freio a subjugar de diamante
As paixões procelosas,
Que das inatas leis em vitupério
Costumam destruir seu grande império.

EPODO 4

Lá vê como, seguindo denodados
Os passos da virtude,
Serão eternamente celebrados
Focion o sábio, Aristides o justo,
Alvo inocente do ostracismo injusto.

ESTROFE 5

Ali do céu, da terra o imenso espaço
A bela Urânia a dividir ensina
Com o imortal compasso:
Urânia que a Elísia deu benigna
O real famoso Henrique,
O grande Nunes, o espantoso Gama.
Herói inda maior que a sua fama.

ANTÍSTROFE 5

Com seu favor soltando as brancas velas,
O varão grande ao bravo mar se entrega:
Novo hemisfério, e estrelas,
Nova gente vai vendo, até que chega
Da aurora às roxas portas,
Sem temer no caminho dilatado
O rosto horrendo de Netuno irado.

³³ Ant. 4. v. 2. impávido o semblante, *outr. lêem*, indômita e constante. (N. E.)

EPODO 5

Ao estranho rumor das curvas quilhas,
Fora da água as cabeças
Curiosas de Nereu lançam as filhas:
O Luso vem; e pasmam do ardimento,
Com que pisa o inóspito elemento.

ESTROFE 6

Então por longo tempo o Tejo ufano
Fez de seus lenhos acurvar c'o peso
Os ombros do Oceano:
Então Netuno viu em raiva aceso
Por todos os seus reinos
Nos ares fuzilar as sacras quinas,
Quais cometas pressagos de ruínas.

ANTÍSTROFE 6

Mas onde, oh lira, corres costumada
A vencer de um só voo imenso espaço?
D'alto Nume inflamada
De Tétis deixa o líquido regaço;
E as sonoras asas
Da pátria ao novo herói rápida volta,
E do Ismeno sobre ele o orvalho solta.

EPODO 6

Vibrar em campo ao lado da vitória
O estrago, o horror, e a morte.
É d'alma generosa timbre e glória:
Mas na paz ilustrar o povo rude
O brasão é maior da alta virtude.

ESTROFE 7

No caos da ignorância sepultado
Sem leis viveu um tempo, sem cultura,
O Egito abalizado.
Mas Ceres dissipando a névoa escura,
A polícia lhe inspira,
E o Nilo obsequioso em cem lugares
Estátuas lhe lavrou, ergueu-lhe altares.

ANTÍSTROFE 7

Famoso herói, se Elísia, que ditosa
Das frias cinzas a soberba fronte
Aos céus ergue vaidosa,
Vê raiar por teu zelo no horizonte
Da ciência a luz brilhante,
E grata mão lavar teus feitos claros
Em duro bronze, em mármore de Paros;

EPODO 7

O gênio que me inspira o sacro alento,
Com que triunfante domo
A torpe inveja, o negro esquecimento,
Em meus hinos, cercado de altos louros,
Te levará aos séculos vindouros.

Fonte: *Odes pindáricas, póstumas de Elpino Nonacriense*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1801, pp. 197-205.³⁴

³⁴ Esta edição foi localizada pela Mestre Evelin Guedes (CLEPUL), que colaborou com Vania Pinheiro Chaves na atualização e anotação do poema.

Ao Ilmo. e Exmo. Sr. Marquês de Pombal

IX

Cingida a testa de mimosas flores,
Firme na branca mão a tocha acesa,
Corre a Fidelidade Portuguesa,
A entornar sobre vós castos louvores.

Sabe que, malogrados os furores
Da perfídia, triunfais; que atada e presa
Levais ao carro por troféu da empresa
A ruína dos bárbaros Traidores.

Um busto de oiro, um Templo consagrar-vos
Ela quisera no infeliz receio
De eternamente não poder gozar-vos.

Mas deste obséquio consultando o meio,
Ela vê que só pode levantar-vos
A Efégie na memória, o Altar no seio.

Ao Mesmo Exmo. Sr., reformando a Universidade de Coimbra

X

Sombras ilustres dos varões famosos,
Que a Grécia e Roma destes leis um dia,
Vós que do Elísio na região sombria
Respirais entre os zéfiros mimosos.

Grande Licurgo, ó tu, Solon, que honrosos
Loiros cingis; que egrégia companhia
Fazeis aos Mazarinos; eu queria
Adorar vossos vultos majestosos:

Vós fizestes da vossa Pátria a glória;
Por vós é hoje feliz a humanidade,
Que dignos sois de uma imortal história!

Cesse, cesse, porém, vossa vaidade,
Que basta a escurecer vossa memória
Um Carvalho, que adora a nossa idade.

Ao Mesmo e Exmo. Sr., conservando em paz o Reino

XI

Talar Províncias, arrasar Cidades,
A cinzas reduzir Reinos inteiros,
Foram desses Espíritos guerreiros
As nobres, imortais heroicidades.

Mas se eles são lembrados nas idades
Por grandes, por distintos, por primeiros,
Nas campanhas, nas praças, nos terreiros
Vive ainda o terror das impiedades.

Se Alexandre, Cipião, César, Pompeio
Cingem na Fama o disputado loiro,
O seu orgulho a funestá-los vejo.

Vós da Fortuna com mais fausto agoiro
Vivei, Marquês, pois encontraste o meio
De nos fazer gozar da idade de oiro.

Fonte: Domício Proença Filho (Org.), *A poesia dos inconfidentes: Poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar [et al]. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, pp. 525-6.

INÁCIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO [1774]

Não os heróis, que o gume ensanguentado
da cortadora espada,
Em alto pelo mundo levantado,
trazem por estandarte
dos furores de Marte;
Nem os que, sem temor do irado Jove,
arrancam, petulantes,
Da mão robusta, que as esferas move,
os raios crepitantes,
E, passando a insultar os elementos,
fazem cair dos ares
os cedros corpulentos,
Por ir rasgar o frio seio aos mares,
levando a toda a terra,
Tinta de sangue, envolta em fumo, a guerra.

Ensanguentados rios, quantas vezes
vistes os férteis vales
Semeados de lanças e de arneses?
Quantas, ó Ceres loura,
Crescendo uns males sobre os outros males,
Em vez do trigo, que as espigas doura,
viste espigas de ferro,
Frutos plantados pelas mãos do erro,
E, colhidos em montes sobre as eiras,
Rotos pedaços de servis bandeiras!
Inda leio na frente ao velho Egito
o horror, o estrago, o susto,
Por mãos de heróis tiranamente escrito;
César, Pompeu, Antônio, Crasso, Augusto,
Nomes que a Fama pôs dos deuses perto,
reduziram por glória
Cidades e províncias a deserto;
E apenas conhecemos pela História,
que o tem roubado às eras,
Qual fosse a habitação, que hoje é das feras.

Bárbara Roma, só por nome augusta,
desata o pranto, vendo
A conquista do mundo o que te custa;
Cortam os fios dos arados tortos
Trezentos Fábios num só dia mortos;
Zelosa negas um honrado asilo
ao ilustre Camilo;
A Mânlio, ingrata, do escarpado cume
arrojas por ciúme,
E vês a sangue frio, ó povo vário,
Subir Marcelo as proscricções de Mário.
Grande Marquês, os Sátiros saltando
por entre verdes parras,
Defendidas por ti de estranhas garras;
os trigos ondeando
nas fecundas searas;
Os incensos fumando sobre as aras,
à nascente cidade
Mostram a verdadeira heroicidade.

Os altos cedros, os copados pinhos
não a conduzir raios,
Vão romper pelo mar novos caminhos;
E em vez de sustos, mortes e desmaios,
danos da natureza,
Vão produzir e transportar riqueza.

O curvo arado rasga os campos nossos
Sem turbar o descanso eterno aos ossos;
Frutos do teu suor, do teu trabalho,
são todas as empresas;
Unicamente à sombra de Carvalho
Descansam hoje as quinas portuguesas.

Que importam os exércitos armados,
No campo com respeito conservados,
Se lá do gabinete a guerra fazes
E a teu arbítrio dás o tom às pazes?

Que, sendo por mão destra manejada,
A política vence mais que a espada.
Que importam tribunais e magistrados,
asilos da inocência,
Se pudessem temer-se declarados
patronos da insolência?
De que servirão tantas
Tão saudáveis leis, sábias e santas,
se, em vez de executadas,
Forem por mãos sacrílegas frustradas?

Mas vives tu, que para o bem do mundo
sobre tudo vigias,
Cansando o teu espírito profundo,
as noites e os dias.

Ah! quantas vezes, sem descanso uma hora,
Vês recostar-se o sol, erguer-se a aurora,
Enquanto volves com cansado estudo
As leis e a guerra, e o negócio, e tudo?

Vale mais do que um reino um tal vassalo:
Graças ao grande rei que soube achá-lo.

Na inauguração da estátua equestre d' El-Rei D. José [1775]

A América sujeita, Ásia vencida,
África escrava, Europa respeitosa;
Restaurada, mais rica e mais formosa,
A fundação de Ulisses destruída,

São a base em que vemos erigida
A colossal estátua majestosa,
Que d'El-Rei à memória gloriosa
Consagrou Lusitânia agradecida.

Mas como a glória do monarca justo
É bem que àquele herói se comunique,
Que a fama canta, que eterniza o busto,

Pombal junto a José eterno fique,
Qual o famoso Agrippa junto a Augusto,
Como Sully ao pé do grande Henrique.

Fonte: Domício Proença Filho (Org.), *A poesia dos inconfidentes: Poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar [et al]. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, pp. 966-8.

O Desertor

Canto I

[trecho]

[...]

Já o invicto Marquês com régia pompa
Da risonha Cidade avista os muros.
Já toca a larga ponte em áureo coche.
Ali junta a brilhante Infantaria;
Ao rouco som de música guerreira
Troveja por espaços: a Justiça,
Fecunda mãe da Paz e da Abundância,
Vem a seu lado: as Filhas da Memória
Digna imortal coroa lhe oferecem,
Prêmio de seus trabalhos: as Ciências
Tornam com ele aos ares do Mondego;
E a Verdade entre júbilos o aclama
Restaurador do seu Império antigo.
Brilhante luz, paterna liberdade,
Vós, que fostes num dia sepultadas
Co bravo Rei nos campos de Marrocos,
Quando traidoras, ímpias mãos o armaram
Vítima ilustre da ambição alheia,
Tornai, tornai a nós. Da régia estirpe
Renasce o vingador da antiga afronta.
Assim o novo Cipião crescia
Para terror da bárbara Cartago.
Possam meus olhos ver o Ismaelita
Nadar em sangue, e pálido de susto
fugir da morte, e mendigar cadeias;
E amontoando Luas sobre alfanges
Formar degraus ao Trono Lusitano.
Dissiparam-se as trevas horrorosas,
Que os belos horizontes assombravam,
E a suspirada luz nos aparece.
Tal depois que raivoso, e sibilante

Sobre o carro da Noite o Euro açoita
Os tardios cavalos do Bootes,
E insulta as terras, e revolve os mares,
Raia a manhã serena entre doiradas,
E brancas nuvens: ri-se o Céu, e a Terra:
O Vento dorme, e as Horas vigilantes
Abrem ao claro Sol a azul campanha [...]

Fonte: Manuel Inácio da Silva Alvarenga, *O Desertor: Poema heróico-cômico*. Edição preparada por Ronald Polito. Notas ao poema de Joaci Pereira Furtado e Ronald Polito. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, pp.76-8

Marquês eu não te insulto: não me toca
Conhecer de teus factos³⁶ a maldade;
E reputo grande felicidade,
Não ter em tal assunto, que abrir boca:

Eu detesto do vulgo a fúria louca,
Com que declama a tua iniquidade;
Se inerte suportou tua crueldade
Porque insolente agora se desboca?

Magoa-me o teu mal; e da consorte³⁷
Enternece-me a mísera desgraça
Longe dos seus, da Pátria, até da Corte:³⁸

Mas o que mais me magoa me trespassa,
É ver quão poucos³⁹ lem⁴⁰ na tua sorte
Que bens, misérias, pompas, tudo passa.

Fonte: *Collecção de Poesias Varias Grande parte dellas dignas de toda a estima: Assim pela sua raridade; como pelos seus Auctores*. Tomo II. Ano 1792 (Biblioteca Nacional de Portugal, Cod. 6694).

³⁵ Raquel Bello Vazquez aponta a ambiguidade do posicionamento de Teresa de Melo Breyner face ao pombalismo, entendendo que “as diferenças ideológicas nom som especialmente relevantes quanto à concepção de políticas concretas como a reforma da educação, explicitamente apoiada pela Condessa”. Cf. *Uma certa ambição de gloria. Trajectória, redes e estratégias de Teresa de Mello Breyner nos campos intelectual e do poder em Portugal (1770-1798)*: Universidade de Santiago de Compostela, 2005. Tese de doutoramento, pp. 204-5.

³⁶ A ortografia portuguesa foi mantida, pois a sua substituição pela brasileira (“fato”) confundiria aqueles para quem este vocábulo significa peça(s) de vestuário.

³⁷ Consorte: Leonor Daun, Marquesa de Pombal.

³⁸ Estes versos parecem confirmar a existência de uma estreita relação entre a Condessa de Vimieiro e a Marquesa de Pombal, que, de acordo com Raquel Bello Vazquez (*ob. cit.*), dever-se-ia, possivelmente, às origens austríacas de ambas.

³⁹ No original: “pocos”.

⁴⁰ Atualmente: lêem. Manteve-se a forma original para não afetar a métrica do decassílabo.

JOSÉ BASÍLIO DA GAMA [PÓS 1777]

Soneto⁴¹

Ao Marquês de Pombal

Quando em sua queda, o povo de Lisboa pedia que se tirasse o seu retrato, que se havia posto no monumento do Terreiro do Paço.

Não temas⁴², não Marquês, que o povo injusto
De teus grandes serviços esquecido.
Pelos gritos da inveja enfurecido
Solicite abolir teu nobre busto.

Para ser imortal teu nome augusto
Não depende do bronze derretido;
Em mais firmes⁴³ padrões fica insculpido
Teu nome excelso, teu valor robusto.

Lisboa restaurada, o reino ornado
De ciência, de Indústria, e de cultura,
De Polícia, e Comércio apropriado:

A Tropa regulada, a Fé segura,
O Tesouro provido, o mar guardado,
Eis aqui do teu gênio a cópia pura.

Fonte: [Januário da Cunha Barbosa], *Parnazo brasileiro ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas*. Caderno 3. Rio de Janeiro, Tipografia Imperial e Nacional, 1830, p. 13.

⁴¹ Este soneto aparece anônimo e com algumas variantes em dois manuscritos da Biblioteca Nacional de Portugal: Ms. 685 (POMB), fol. 115 e Ms. 8612, fol. 20.

⁴² Nos dois manuscritos referidos, está: “Não sintas”.

⁴³ Nos dois manuscritos referidos, está: “mais altos”.

NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA [PÓS 1777]

Ao Secretário de Estado,
Visconde de Vila Nova da Cerveira,
depois Marquês de Ponte de Lima

A longa cabeleira branquejando,
Encostado no braço de um tenente,
Cercado de infeliz chorosa gente
Ia passando o velho venerando.⁴⁴

Gerais respostas para o lado dando:
“Sim, senhor; bem me lembra; brevemente;”
Na praguejada mão onipotente
Nunca lidos papéis ia aceitando.

Mas eu que já esperava altas mudanças,
Melhor tempo aguardei, e na algibeira
Meti a petição e as esperanças.

Chegou, senhor visconde, a *viradeira*:
Soltai-me a mim também destas crianças,
Onde tenho o meu forte da Junqueira.

Fonte: *Obras completas de Nicolau Tolentino de Almeida. Ilustradas por Nogueira da Silva com alguns ineditos e um ensaio biografico-critico por José de Torres.* Lisboa, Tipografia de Castro & Irmão, 1861, p. 8.⁴⁵

44 O Marquês de Pombal. (N. E.)

45 Esta edição foi localizada pela Mestre Evelin Guedes (CLEPUL), que colaborou com Vania Pinheiro Chaves na atualização ortográfica do poema.

Quixotada
Sátira

Espicaça esse animal,
Companheiro Sancho Pança,
Entremos em Portugal,
E vamos molhar a lança
A pró do triste Pombal.

Poetas principiantes,
Já estou em circo raso
Também Apolo é Cervantes,
Também cria no Parnaso
Seus cavaleiros andantes.

Não vos chamo, ó sujo rancho,
Que até os versos errais;
Em tal sangue as mãos não mancho:
Para vós e outros que tais
Sobeja a espada de Sancho.

Sobre vós carrego a mão,
Sobre vós, ó folhas velhas,
Que dais num homem no chão,
Sem vos lembrar, que entre ovelhas
É fraqueza ser leão.

Essa boca enganadora,
Que é hoje da maldição,
Mil vezes se pôs outra hora
Sobre a praguejada mão,
E lhe chamou benfeitora.

Pois já que vós sois assim,
Povo revoltoso e ingrato,
Hoje castigar-vos vim:

Ireis pelo pó do gato,
Nem esp'reis quartel em mim.

Santo Tejo, o curso enfreia,
E montando rochas duras
Torna atrás a clara veia:
Conta novas aventuras
À formosa Dulcineia.

Nova guerra o mundo veja,
Guerra em que pouco se arrisca:
Serão armas na peleja,
Provado fuzil e isca,
Seca, espinhosa carqueja.

Irmão Sancho, põe-te a pé,
Põe essas rimas a prumo,
Principio à obra se dê,
Tolde o ar o negro fumo
Deste novo auto-da-fé.

Queima essas sátiras frias,
Faltas de siso e conselho:
Queima prosas e poesias
Acabe o cansado velho
Em paz os seus tristes dias.

Porém poupa sempre alguma
Das raras que tem sabor:
Das outras nem deixes uma,
Dessas que tudo é rancor,
E poesia nenhuma.

Em tanto as armas pendura:
Mas se houver desassisados,
Que queiram guerra mais dura,
Da minha lança cortados
Descerão à sepultura.

Já nuvens de fumo vejo:
Já chama brilhante o arreda:
Já se farta o meu desejo:
Já da viva lavareda
Dá o clarão sobre o Tejo.

Essas cinzas denegridas,
Que ao velho poupam mil mágoas,
Leve-as o Tejo envolvidas,
Fiquem no fundo das águas
Para sempre submergidas.

Vês, Sancho, do nome meu
Como voa a clara fama?
Nem viva alma apareceu
A apagar a voraz chama,
Ninguém, ninguém se atreveu!

Vês como ajuda o destino
A um bom cavaleiro andante?
Não precisei de aço fino,
Nem de pés de rocinante,
Nem do elmo de Mambrino.

Ó tu que alçaste a viseira
Forcejando os nervos velhos,
E para ver a fogueira
Limpaste os olhos vermelhos
Na felpuda cabeleira:

Abaixa a proa uma vez,
Chega a Dulcineia bela,
E dize posto a seus pés:
“Formosíssima donzela,
Eu sou um triste marquês,

Que fugindo a um povo inteiro,
A quem metera em furor

Minha privança e dinheiro,
Vim achar mantenedor
Em teu nobre cavaleiro.

Disse este povo malvado.
Que eu tinha o reino extorquido;
Que era gatuno afamado,
E que em jogos de partido
Tinha com todos levado:

Que no tabaco levava
Um quinhão avantajado;
Que o sabão não me escapava;
E que sem ser deputado
Nas companhias entrava.

Das minhas leis murmuravam:
E o[s] seus pequenos juízos
Tão pouco o ponto tocavam,
Que sempre me eram precisos
Assentos que as declaravam.

Té na língua sem motivo
Deram críticos revezes:
Fiz nela estudo excessivo,
Bebi nos bons portugueses
Monopólio, e respectivo.

Disse mais o povo insano,
Que perdi de Roma o trilho;
Que fui sultão soberano;
Que andei casando meu filho
Segundo o rito otomano.

Mas toda a maldade é sua:
Vêm⁴⁶ riquezas e palácio,

⁴⁶ Empregue, provavelmente, em lugar de “vêm”, como era uso na época. Forma preservada para não afetar a métrica.

Comem-se de inveja crua:
São uns novos cães de Horácio
Ladrando de balde à lua.

Já se me dá pouco ou nada
Da sua guerra pequena:
Tenho gente em campo armada,
Tenho Mendonça co'a pena,
E Dom Quixote co'a espada.”

Esta fala, ou outra igual,
Acabada, meu marquês,
Faze reverência formal,
E arrasta os gotosos pés
Para a vila do Pombal.

Nela vive descansado,
Porque as águas vão serenas;
Sempre ministro de estado,
Mandando cousas pequenas
No teu Lopes encostado.

Junto à estatua vil canalha
Desprende as línguas tiranas:
E se esta rude gentalha
Arrancar com mãos profanas
A carrancuda medalha;

Armas em ouro gravadas
Ser-te-ão por mim erigidas,
E por ti mesmo traçadas,
Em sangue humano tingidas,
com mil leis penduradas.

Fonte: *Obras completas de Nicolau Tolentino de Almeida. Ilustradas por Nogueira da Silva com alguns inéditos e um ensaio biográfico-crítico por José de Torres. Lisboa, Tipografia de Castro & Irmão, 1861, pp. 270-4.*⁴⁷

⁴⁷ Esta edição foi localizada pela Mestre Evelin Guedes (CLEPUL), que colaborou com Vania Pinheiro Chaves na atualização ortográfica do poema.

Ode⁴⁸

Ao Marquês de Pombal

Não de bronzes ou mármore antigos
Estátuas levantadas,
Soberbos monumentos
Quero erigir por conservar teu nome,
Que o tempo ações heroicas não consome.

Elogios fundados na lisonja
Menos fazer intenta
A Musa dissonante:
Vozes, que inspira o justo sentimento
Irão ferir até o firmamento.

Quantos, grande Marquês, quantos saudosos
Já dos teus benefícios,
Já das tuas virtudes,
Querem, talvez por sua própria glória,
Levar-te ao templo da imortal memória.

Menos altivo o pensamento voa.
Meu ativo desejo
Dirá se tanto pode,
Aprendendo dos mais a suavidade,
Quanto lhe inspira a cândida verdade.

48 Com as mudanças exigidas pela atualização da pontuação e ortografia, que aqui segue a norma brasileira, esta é versão publicada por Maria Luísa Malato Borralho, a partir da lição do manuscrito intitulado *Collecção 5.^a das Poesias escolhidas da Ex.ma Viscondessa de Balsemão D. Catharina Pelo Rev.do P.e Joze Antonio Gaspar da Silva Cap. f.mo da mesma Snr.^a*, s.l., s.d., que pertenceu à família de D. Catarina de Lencastre e que está atualmente na posse do Prof. Doutor José Adriano de Carvalho. Foi transcrita em *D. Catarina de Lencastre (1749-1824). Libreto para uma autora quase esquecida*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1999 (Porto, Tomo II, pp. 121-129). Para além da versão desta “Coleção 5.^a”, que pertenceu à família de Catarina de Lencastre, encontram-se outras versões em manuscritos dispersos por várias bibliotecas do Porto, Coimbra e Lisboa (com uma exceção tardia, de 1842, elas têm poucas variantes entre si). Desta ode se conhecem também muitas versões impressas ao longo dos séculos XIX e XX, nomeadamente aquando da celebração dos centenários do Marquês de Pombal, em 1882 (1.º Centenário da morte) e 1899 (2.º Centenário do nascimento). Segundo a mesma estudiosa, é “o texto mais conhecido da autora, juntamente com as composições ditadas no leito de morte”. A composição nunca está datada. A data de escrita apontada, 1782, tem por base as informações da ode e o título de alguns manuscritos que dizem ter sido feita à morte do Marquês de Pombal (ocorrida em 8 de maio de 1782). Sobre a vida e obra da autora, cf. Maria Luísa Malato Borralho, *Por acaso hum viajante: A vida e a obra de Catarina de Lencastre, 1.^a Viscondessa de Balsemão (1749-1824)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

Qualidades no berço adquiridas,
Ou de Avós herdadas;
Bem que em ti as conheça,
Não são que sobre a Fama hoje te elevam:
Espíritos vulgares que as escrevam.

Buscar o fundamento à própria glória
No sangue dos passados,
Embora o faça aquele,
A quem da natureza a mão avara
Os mais talentos todos lhe negara...

Mas tu, que tanto o Céu enobreceu
Desses talentos raros
Que fiel cultivaste,
Injuriar-te fora se louvasse
Só a nobreza que o teu sangue herdasse.

Teu grande coração, tua alma grande,
Assento da verdade
Formam teu elogio:
Oh, quem pudera com vozes mais que humanas
Descrever-lhe as virtudes soberanas!

Sacrificaste os dias venturosos
Em serviço da Pátria,
E já entre os estranhos
Erigias com todo o fundamento
Firmes padrões ao teu merecimento.

Inda as tuas memórias se conservam
Lá nas margens do Thames⁴⁹;
E a glória da nação
Que a cansados trabalhos te obrigava,
Com ficar bem servida te pagava.

⁴⁹ Em português, “Tamisa”. Atualizamos a ortografia do manuscrito, “Thamis”

Assim, desempenhando altos empregos
A que te destinaram,
Em toda a parte foste:
Até que o teu talento respeitado
O mesmo Rei quis ter junto a seu lado.

Da tua alma se vão desenvolvendo
Talentos ignorados,
E a mesma Providência,
Que se empenha em fazer-te venturoso,
Te vai proporcionando ao fim ditoso.

Cercado dos horrores, dos estragos,
Os mesmos elementos
Se viam confundidos:
Voava a morte de um a outro lado,
Consome a chama o que ela tem deixado.

Tu, constante no meio das ruínas,
Nas sábias providências
Com que o dano reparas,
A uns os dias vais acrescentando,
Doutros os frios restos sepultando.

Dos inocentes que seus pais perderam,
Das viúvas aflitas,
O triste pranto cessa,
Depois que tu, com sábia providência,
Amparas de uns e de outros a inocência.

Já de novo as cabeças levantando
Vão os templos soberbos,
Das ruínas a imagem
Apenas fica ainda na memória
Para fazer maior a tua glória.

No ócio molemente adormecidos
Os ramos do comércio

Tu despertar fizeste,
Adquirindo em todos os estados
Ao Rei vassallos ricos e honrados.

Quando na paz os membros descansados
Nada menos pensavam,
Para os guerreiros factos⁵⁰
A milícia dispunhas sabiamente,
Dando maior poder à Lusa gente.

As Ciências de todo abandonadas
Brotar da seca origem
Teu exemplo fazia:
Iam de novo ao mundo aparecendo,
Como em todas as ordens se está vendo.

Fiel às leis que à pátria te ligavam,
E ao Rei como Vassallo,
Bom Pai e bom Amigo,
Unindo em ti o Céu quanto dar pode
Quando sobre os mortais seus dons sacode!

As Musas, as Ciências, o Comércio
Benigno protegias;
Da Justiça a balança
Fizeste conservar com igualdade,
Promovendo a geral felicidade.

Viste ceder ao seu fatal destino
Teu grande protetor:
Então tua constância
De todo o coração te abandonara
Se para maior mal te não guardara.

Saiu do eixo a roda, e transtornadas

⁵⁰ A ortografia portuguesa foi mantida, pois a sua substituição pela brasileira (“fato”) confundiria aqueles para quem este vocábulo significa peça(s) de vestuário.

Foram tuas ideias:
A fortuna inconstante,
Que às vezes zomba do merecimento,
Te fez grande também no sofrimento.

Dos vis adutores numerosos
Cortejos não te seguem:
Só da tua família
Foste em silêncio triste acompanhado
Ao desterro funesto mas honrado.

Lá, de constância cheio, abandonando
À vil inveja a presa,
Apenas na memória
Os já passados anos revolvias,
E com ar de desprezo a tudo vias.

Grande na glória, grande nos pesares,
Ao termo prometido
Chegaste sem fraqueza;
Que as almas elevadas se conhecem
No meio dos acasos que acontecem.

Pagaste à terra o natural tributo:
O véu da humanidade
De todo desfazendo
Vai unir teu espírito elevado
À causa donde tinha dimanado.

Tua perda fatal será sentida
Em todas as idades:
Teus mesmos inimigos,
Teu nome em tuas obras respeitando,
Irão tuas memórias conservando.

As idades correndo e renovando
Outro igual não verão,
Em que talentos tantos,

Que nos mais fazem glória, repartidos,
Fossem num só composto unidos.

Curvai, ciprestes as erguidas frentes,
Cobri o monumento,
Aquela pedra fria,
Que está guardando os restos preciosos
Do que será famoso entre os famosos.

Fonte: Maria Luísa Malato da Rosa Borralho, *D. Catarina de Lencastre (1749-1824). Libreto para uma autora quase esquecida*: Universidade do Porto, 1999 (Tomo II, pp. 121-9). Tese de doutoramento. No prelo: Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

EPITÁFIO [1782]

«Aqui jaz

Sebastião José de Carvalho e Melo
Marquês de Pombal
Ministro e Secretário de Estado
De D. José
Rei de Portugal;
O qual reedificou Lisboa,
Animou a Agricultura,
Estabeleceu fábricas,
Restaurou as ciências,
Estabeleceu as Leis,
Reprimiu o vício,
Desmascarou a hipocrisia,
Desterrou o Fanatismo,
Regulou o Tesouro Real,
Fez respeitada a soberana autoridade,
Cheio de glória,
Coroadado de Louros,
Oprimido pela calúnia,
Louvado pelas Nações Estrangeiras,
Como Richelieu
Sublime em projectos,
Igual a Sully na vida e na morte:
Grande na prosperidade,
Superior na adversidade,
Como filósofo,
Como herói,
Como cristão,
Passou à eternidade
No ano de 1782
Aos 83 da sua idade
E no 27 da sua administração».

Fonte: Marquês de Pombal, *Cartas e outras obras selectas*. 4. ed. Tomo I. Lisboa: Typ. E.J.C. Sanches, 1848., p. XX. Selecionado pela equipe constituída por José Eduardo Franco, Madalena Costa Lima, Ricardo Ventura e João Cambado, responsáveis pela pesquisa e transcrição.

**Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Marquês de Pombal,
Etc, Etc, Etc.** ⁵²

Seigneur, si jusqu'ici par un trait de prudence
J'ai demeuré pour toi dans un humble silence,
Ce n'est pas que mon coeur, vainement suspendu,
Balance pour t'offrir un encens qu t'est dû.
Boileau, *Discours au Roi*⁵³

Só conheço de ti grandeza e nome,
Magnânimo Pombal, jamais teus olhos
Com doce, amável, usual brandura
De meus destinos a humildade honraram;
Sempre Fortuna, do meu mal sedenta,
Vedou que, em teu louvor pulsando a lira,
Arremessasse o canto além dos tempos,
E em prêmio fosse de te dar meus hinos
Contigo reluzir na Eternidade.
Declive espaço, que entre nós se estende

⁵¹ A existência dum poema bocagiano dedicado a Henrique José de Carvalho e Melo, segundo Marquês de Pombal, nos foi gentilmente referida pelo Professor Doutor Daniel Pires, a quem devemos ainda as seguintes informações: “O terramoto foi em 1755. Ele [Bocage] nasceu dez anos depois e nunca se refere a esse desastre, embora Setúbal, sua terra natal, tenha sido muito atingida. A crise com os jesuítas decorre da tentativa de regicídio, em 3 de Setembro de 1758. Malagrida foi executado em 1761. Foi exilado para Setúbal, por ordem do Marquês de Pombal, e por ali ficou até 1758, no seminário de S. Francisco Xavier. Mas não há quaisquer referências. [...] Em 1797, Bocage foi preso, por Pina Manique e esteve na cadeia do Limoeiro alguns meses. Escreveu a vários nobres, protestando a sua inocência. Um deles foi o filho do Marquês de Pombal, Henrique José de Carvalho e Melo, que, por ele intercedeu, junto do príncipe regente, o futuro D. João VI. Intitula-se a epístola ‘Só conheço de ti grandeza e nome’, que foi publicada no segundo tomo das *Rimas*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1799.” Ver também Daniel Pires, *Bocage ou o elogio da inquietude*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019, pp. 261-90.

⁵² Epístola publicada no segundo tomo das *Rimas*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799, p. 191. Foi dirigida a Henrique José Maria Adão de Carvalho e Melo (Lisboa, 1748 – Rio de Janeiro, 1812), filho primogênito do famoso estadista e primeiro-ministro de D. José, que se encontrava no poder quando Bocage nasceu. O segundo Marquês de Pombal desempenhou as funções de presidente do Desembargo do Paço, da Mesa da Consciência e das Ordens e do Senado da Câmara Municipal de Lisboa, bem como de gentil-homem de câmara de D. Maria I. Era grã-cruz das Ordens de Cristo e da Torre e Espada e conselheiro de Estado (*Gazeta de Lisboa*, 23 de julho de 1796), tendo sido nomeado embaixador extraordinário em Londres (*Gazeta de Lisboa*, 13 de agosto de 1796). Em 1791, foi acusado, pelo cônego Antônio de Queirós, de pertencer à maçonaria (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, processo da Inquisição de Lisboa n. 17800). A presente epístola foi redigida quando Bocage se encontrava no Limoeiro; o poeta implora o auxílio deste nobre, que teve particular influência na sua libertação. O seu nome consta da lista de subscritores do segundo tomo das *Rimas*. (N. E.)

⁵³ Boileau (Paris, ou menos provavelmente Crosne, 1 de novembro de 1636 – Paris, 13 de Março de 1711) trilhou a senda do direito e da teologia, antes de se dedicar integralmente à arte poética. Foi uma das personalidades literárias que marcou a sociedade do século XVIII, nomeadamente devido ao seu tratado em verso intitulado *L'Art poétique*. Era considerado, a par dos escritores de quinhentos e dos clássicos greco-latinos, um paradigma literário. (N. E.)

Frouxo alento abatia ao Vate ansioso
Quando apenas tentava o cume excelso
Onde, reta uma vez, não caprichosa,
Te ergueu, te amima te laureia a Sorte.
Hoje, porém, Senhor, que má Ventura
Golpes e golpes sobre mim desfecha,
Hoje que férrea lei de negros Fados
Me esmaga o coração, me enluta os dias,
Ao desmedido espaço a dor se arroja,
Lenitivo benéfico implorando,
Vence o longo intervalo, a ti se eleva.
Dá-me tão alto jus tua alta Fama,
Minha tribulação tem jus tão alto.
Perante as almas que a virtude acende
É grave intercessor a adversidade:
O mortal infeliz, o desvalido
Invoca o generoso, o pio, o grande;
O grande, o pio, o generoso abriga
Das fúrias do Destino o malfadado.
Cárcere umbroso, do sepulcro imagem,
Caladas sombras de perpétua noite
Me anseiam, me sufocam, me horrorizam.
Não rebelde infração de leis sagradas,
Não crime que aos direitos atentasse
Do Sólido⁵⁴, da Moral, da Natureza
Neste profundo horror me tem submerso.
A calúnia falaz, de astúcias fértil,
Urdu meus males, afeou meu nome.
Mil e mil vícios extraiu do Averno⁵⁵.
Minha fama, Senhor, que, honrada. ilesa,
Vagava o seio de Ulisseia⁵⁶ ativa,
Foi pelo estígio⁵⁷ bando assalteada:
Bramindo, lhe enegrece a tez lustrosa,
Torna-lhe a nívea cor da cor do abismo.

54 Trono; poder real. (N. E.)

55 Inferno. (N. E.)

56 Lisboa. (N. E.)

57 Infernal. (N. E.)

Doura zelo impostor paixões danadas,
Delatores cruéis com arte envolvem
Vis interesses no exterior brilhante
Da Razão, da Justiça e da Verdade;
Cai a Inocência, vítima da Inveja,
Dos zoilos o rancor de mim triunfa.
Eis-me vedado ao Sol, vedado ao Mundo,
Eis a reminiscência apenas traça
O quadro do Universo à minha ideia,
Que, se aos olhos ilusos dera assenso,
Julgara que inda os céus, que inda as estrelas
Não tinham rebentado à voz do Eterno,
Que a antiga escuridão, que o caos informe
No que hoje é Natureza inda reinava,
Que na mente imortal do rei dos Fados
Inda em mudo embrião jazia a Terra.
Memória e dor minha existência provam,
Porém dor e memória o ser me azedam,
E a desesperação, desfeita em pranto,
Inútil vida aborrecendo, anela
A paz e o sono do insensível nada.
Sobre meu coração tormentos fervem,
E, pela fantasia exacerbados,
Se embebem no pavor da Morte horrenda.
Dum lado em traje infame a vil Afronta,
Sórdido espectro me afogueia o rosto;
A doce Pátria de outro lado aflita
Um doloroso adeus me diz carpindo;
Aqui e ali mil pálidos fantasmas,
Prole do Medo, com visagens feias
Série me agouram de amargosos danos.
Nestes horrores a existência pasma,
O exercício vital em ócio fica,
Sentidos, forças o terror me absorve.
Tal é, gênio preclaro, a ordem triste
De meus funestos, nebulosos dias,
Dias marcados no volume eterno

Pela tórrida mão da Desventura.
Ah! No maligno século corrupto
Em que o duro egoísmo abrange a Terra,
Inda restam, Senhor, ao desditoso
Benignos corações, que se repartam,
Que para os seus prazeres só não vivam,
Que sintam, que venerem, que pratiquem
Lei no altar da Razão por Jove⁵⁸ escrita,
Lei na infância do mundo ao mundo imposta:
“O Homem favor e asilo ao Homem preste,
Mútua beneficência os entes ligue.”
Teu grande coração colheu tais dotes
No tesouro onde os zela a Natureza,
Mesquinha de seus dons co’a terra ingrata.
Além da condição o heroico exemplo
Em teu peito arreigou feliz semente,
Da qual se ergueram generosos frutos.
O varão providente, o pai da Pátria,
O assombroso Carvalho⁵⁹, o luso Atlante⁶⁰,
Cuja vista mental descortinava
Os sumidos arcanos tenebrosos
Onde sagaz Política se entranha;
O decantado herói que dentre as cinzas,
Dentre os dispersos, lúgubres estragos⁶¹,
Efeitos de fenômeno terrível,
Mais ampla fez surgir, surgir mais bela
A vasta fundação dos gregos duros,
Que de soberbas torres majestosas,
De ingentes, suntuosos edifícios
Os ombros carregou d’alta Lisboa;
O político excelso, a cujo aceno
Vinham, prenhes de fúlgidos tesouros,
Alterosos baixéis arfar no Tejo,

58 Júpiter. (N. E.)

59 Sebastião José de Carvalho e Melo, primeiro Marquês de Pombal. (N. E.)

60 Atlas, um gigante, filho de Jápeto e da Oceânide Clímene, irmão de Menécio, Prometeu e Epimeteu. Foi punido por Zeus, sendo condenado a suportar aos ombros a abóbada celeste. (N. E.)

61 A destruição provocada pelo terramoto de 1 de novembro de 1755. (N. E.)

E a risonha Abundância dadivosa
Da fausta Lusitânia enchia os lares;
O zelador fiel do altar, do trono,
O escudo, o criador das leis, das artes;
Aquele, enfim, Senhor, que o véu soltando
Em que etérea porção luzia envolta,
Vive nos corações, nos céus, na fama,
Teu memorável Pai te abriu a estrada
Por onde foste ao Polo em que és luzeiro.
Nos Elísios⁶² curvada a sombra ilustre,
Olhos fitos em ti, de lá te acena,
De lá te influi espíritos sublimes,
Prestante emulação com que o renovas.
Herói, fruto de herói, protege, ampara
Ente oprimido, infeliz, que a ti recorre,
Lava-lhe as manchas da calúnia torpe,
Ao trono augusto da imortal Maria
Com lamentosa voz dirige, alteia,
Do mísero Bocage os ais e as preces;
Desfaz a treva que lhe espanca o dia,
Rompe as correntes, cujo som medonho
De Febo⁶³ os gratos sons lhe descompassa,
Tremendo ao feio estrondo a voz e a dextra.
Já tocaste, Senhor, da glória o cume,
Sócios (inda que raros) tens contudo:
Deles pode isolar-te um grau mais alto,
Grau onde o Fado oculta o bem que imploro.
Das avarentas mãos sobe a arrancar-lhe
O defeso penhor, minha ventura.
Nisto é virtude transcender o extremo:
Remindo um triste de opressão tão crua,
As balizas transpõe da heroicidade.

Fonte: *Rimas*. Tomo II. Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1799, pp. 163-7.

⁶² Lugar dos Infernos onde se encontram as pessoas virtuosas. (N. E.)

⁶³ Apolo, deus das artes e, por extensão, da poesia. Era filho de Júpiter e de Latona, irmão de Diana. (N. E.)

ALBERTO MAGALHÃES [1882]

As gloriosas naus, as naus conquistadoras.
Que levavam no tope as quinas vencedoras,
Traficavam agora o oiro, os diamantes,
O Topázio, o rubi, os límpidos brilhantes,
Que outr'ora o Oriente e hoje o Novo-Mundo
Lançavam sem cessar do seu ventre fecundo!

E todo esse tesouro, e toda essa riqueza,
Era p'ra abastecer a perdulária mesa
D'essa turba fradesca – a turba de vadios,
Que não passavam fome e não passavam frios,
Enquanto cá por fora os tristes proletários,
Famintos, rotos, nus, sem pão e sem salários,
Iam implorar às portas dos conventos
As migalhas servis dos fartos alimentos!

Um rei fraco, imbecil, um rei dissipador,
Assim, à imitação do Rei-Inquisidor,
Lançava essa riqueza aos tigres de roupeta,
Que tinham branca a face e a Consciência preta.

Em vez de edificar escolas e hospitais,
Surgiram construções atléticas, brutais,
Que erguiam ao Azul, ao seio do Infinito,
As torres colossais, gigantes de granito.

Pombal surgiu, enfim, e encetou a luta,
Heróica, gigantesca, audaz e resoluta,
Que havia de firmar a nossa autonomia,
E à Europa mostrar que era chegado o dia
Em que, aniquilada a negra Reacção,
O velho Portugal tornava a ser nação.

A Indústria floresceu e a Arte ressurgiu;
O comércio acordou; de novo se cobriu

A vastidão do mar do nosso pavilhão,
Que ia transplantar a Civilização
E levar aos confins de todo esse Universo
O nome Português, extinto e submerso!

Depois, deixando assim firmado com ardência
O acrisolado amor da nossa independência,
Esse homem genial, espírito gigante,
Lançou o seu olhar ainda mais distante:
Reformou a Instrução – o foco da Verdade
Que pode aproximar o Génio à Divindade.

Um dia – horrível dia! – um rude cataclismo
Lançou uma cidade ao seio do abismo.
D’essa terra gentil, que se chamou Lisboa,
Só restava um montão que fuma e se esboroa!...

Pouco tempo depois erguia-se imponente
A nova capital, mais bela e mais ridente...

Calemo-nos agora!... Há-de-se admirar!...
Porque a nossa razão não pode explicar
Como é que um braço só pudesse, sem cansada,
A levantar do pó uma cidade inteira!

Fonte: Alberto Magalhães, *Ao Marquez de Pombal por (...) Poesia recitada no Theatro Valenciano, no sarau litterario-musical de 8 de Maio de 1882*. Valença: Typ. Commercial, 1882, pp. 11-4. Selecionado pela equipe constituída por José Eduardo Franco, Madalena Costa Lima, Ricardo Ventura e João Cambado, responsáveis pela pesquisa e transcrição.

SIMÕES DIAS [1882]

No pedestal da glória
Que o pátrio amor sustenta,
Perfeitamente assenta
A estátua do Marquês;
Ninguém, ninguém na história
Do século passado
Ergueu mais alto o brado
Do nome português!

Ao seu olhar impávido,
À sua brava sanha,
Curvou-se a velha Hespanha,
Tremeu Albion audaz!
Da Europa os reis, os príncipes,
Que as forças lhe mediram,
Por certo que sentiram
De quanto era capaz!...

O Vaticano, a Cúria
Onde aninhado habita
O negro jesuíta,
Qual fera em seu covil,
A Cúria, a velha autocrata,
Ao ver perto o inimigo,
Deixou o ceptro antigo
Rolar da mão senil!

Benditas pois as cálidas
Aclamações festivas,
Que tornam redivivas
As glórias de POMBAL:
Ninguém, ninguém na história
Do fecundo passado
Ergueu mais alto o brado
Do seu país natal.

Como se fora Átila
A sombra pavorosa
Erguida sobre a lousa
Que estranha mão fendeu.

Assoma assim na história!
E com o olhar profundo
Enche, avassala o mundo
Mais que herói, Prometeu!

À voz do céu sepulta-se
Uma cidade morta?
– Sepulte-se... que importa?
Lázaro surgirá! –
Pairam abutres ávidos
No lar e sobre a escola?
– Pois bem: feroz Loyola,
Meu pé, te esmagará! –
Falece à míngua a pátria?
Nem um ceitel no erário?
O reino, um proletário?
O enfino, uma irrifão?
– Pois bem, do vasto cérebro
Do herói que vem do povo,
Sairá um mundo novo.
A luz, a escola, o pão! –

Tal foi de novo Encelado
A colossal estatura,
E a obra inda dura,
E durará, talvez...
Ninguém, ninguém na história
Do século passado
Ergueu mais alto o brado
Do nome português!”

Fonte: J. Simões Dias, “Ode ao Marquez de Pombal (8 de Maio de 1882)”. In: *O Centenário do Marquez de Pombal. Jornal Commemorativo publicado pela Comissão dos Estudantes de Coimbra.* Número Único, 1882, pp. 20-1. Selecionado pela equipe constituída por José Eduardo Franco, Madalena Costa Lima, Ricardo Ventura e João Cambado, responsáveis pela pesquisa e transcrição.

Juízo de Guerra Junqueiro sobre o Marquês de Pombal

O próprio Pombal é o *Desejado*? Não. Fez-se temer, não se fez amar. Cabeça de bronze, coração de pedra. Moralmente, ignóbil. Rancoroso, ferino, alheio à graça, indiferente à dor. Inteligência vigorosa, material e mecânica, sem voo, sem asas. Um brutamontes raciocinando claro. Falta-lhe o génio, o dom de sentir, nobreza heróica, vida profunda – humanidade em suma. Máquina apenas... Só dura o que vive. Uma raiz esteia mais que um alicerce. Pombal em três dias, num deserto, quis formar um bosque. Como? Plantando traves.

A dubou-as com mortos e regou-as a sangue.

Se os democratas e republicanos, inspirados e atiçados pelos falsificadores da história, ainda estão na resolução de considerar os candeeiros da pública iluminação de Lisboa como cabides para pendurar cabeças de católicos e monárquicos, que porventura apareçam ainda na ocasião do advento da *gloriosa*, então são coerentes em levantar o monumento ao Marquês de Pombal, mestre em forcas e cadafalsos. Mas Pombal não será contente, e por isso lhes opõe embargos com a seguinte carta:

Carta de Pombal aos Liberais:

Do meu jazigo no calado horror,
Vosso clamor há restrugido assaz;
Mando-vos eu – finde o soes louvor;
Deixai-me em paz.

Todos um ódio me votais atroz!
A quem de vós amar um monstro apraz?
Não me exalteis com refalsada voz;
Deixai-me em paz.

Se as turbas cegas iludir quereis,
Não abuseis de quem finado jaz;
Não sejais vós, mais do que eu fui, cruéis;
Deixai-me em paz.

Quando referve o popular cachão
E treme o chão com insofrido gás,
Louvar um déspota é sisuda acção?
Deixai-me em paz.

A voz da imprensa, novos deuses vão
Por vossas mãos o entusiasmo faz:
Esses podei-los adorar, pagãos:
Deixai-me em paz.

Troféu do orgulho reduzido a pó,
Assombro só da opinião falaz,
Já que não vingo merecer-vos dó,
Deixai-me em paz.

Ergueis-me estátuas? Provocais assim
Mais contra mim a maldição tenaz,
Cá oiço sempre os abafados ais!...
Deixai-me em paz.

Vós que os monarcas com rancor feris,
Vós que aplaudis qualquer tribuno audaz,
Honrais-me algoz?... Mais do que algoz sois vis;
Deixai-me em paz.

Mal hajam honras de fatal desar,
Que vão a par d'uma irrisão procaz!
Prefiro as pragas à lisonja alvar,
Deixai-me em paz.

Olhai que há vida d'esse mundo além,
Dai ao desdém a exaltação fugaz;
E até que frios cá entreis também
Deixai-me em paz.

Além-túmulo, 1º de Abril de 1882.
Sebastião José”.

Fonte: Almeida Silvano (Org.), *O Marquez de Pombal celebrado por um grupo de distintos escriptores liberaes*. Lisboa: Empr. de O Bem Público, 1906, pp. 193-4. Selecionado pela equipe constituída por José Eduardo Franco, Madalena Costa Lima, Ricardo Ventura e João Cambado, responsáveis pela pesquisa e transcrição.

A derradeira injúria⁶⁴

E ainda, ninfas minhas, não bastava...
Camões, *Lusíadas*. VII, 81.

I

Vês um féretro posto em solitária igreja?
Esse pó que descansa, e se esconde, e se some,
Traz de um grande ministro o formidável nome,
Que em vivas letras de ouro e lágrimas flameja.

Lá fora uma invasão esquálida braceja,
Como um mar de miséria e luto, que tem fome,
E novas praias busca e novas praias come,
Enquanto a multidão, recuando, peleja.

O gaulês que persegue, o bretão que defende,
Duas mãos de um destino implacável e oculto,
Vão sangrando a nação exausta que se rende;

Dentre os mortos da história um só único vulto
Não ressurgem; um Pacheco, um Castro não atende;
E a cobiça recolhe os despojos do insulto.

II

Ora, na solitária igreja em que se há posto
O féretro, se alguém pudesse ouvir, ouvira
Uma voz cavernosa e repassada de ira,

⁶⁴ Durante anos, esse longo poema (composto por catorze sonetos) permaneceu esquecido nas páginas de *O Marquês de Pombal: Obra comemorativa do centenário da sua morte*, de José Maria Latino Coelho, Oliveira Martins e Teófilo Braga (Rio de Janeiro: Club de Regatas Guanabarenses, Lisboa: Imprensa Nacional, 1885). Certamente, Machado de Assis o escreveu em 1882, data oficial do centenário da morte do Marquês de Pombal. O poema só poder ser lido em 1885, quando o livro veio à luz, numa tiragem reduzida de cinquenta exemplares. O escritor optou por deixá-lo de fora de suas *Poesias completas* [1901], sendo incorporado ao conjunto da obra na edição póstuma de *Outras relíquias* [1910]. Ver: de João Paulo Papassoni, *Uma perpétua lida: Estudo sobre 'A derradeira injúria'*: Universidade de São Paulo, 2017. Dissertação de mestrado. (N. E.)

De tristeza e desgosto.
Era uma voz sem rosto,
Um eco sem rumor, uma nota sem lira.
Como que o suspirar do cadáver disposto
A rejeitar o leito eterno em que dormira.

E ninguém, salvo tu, ó pálido, ó suave
Cristo, ninguém, exceto uns três ou quatro santos,
Envolvidos e sós, nos seus sombrios mantos,

Ninguém ouvia em toda aquela escura nave
Dessa voz tão severa, e tão triste, e tão grave,
Murmurados a medo, as cóleras e os prantos.

III

E dizia essa voz: – “Eis, Lusitânia, a espada
Que reluz, como o sol, e como o raio, lança
Sobre a atônita Europa a morte ensanguentada.

“Venceu tudo; ei-la aí que te fere e te alcança,
Que te rasga e te põe na cabeça prostrada
O terrível sinal das legiões de França.

“E, como se o furor, e, como se a ruína
Não bastassem a dar-te a pena grande e inteira,
Vem juntar-se outra dor à tua dor primeira,
E o que a espada começa a tristeza termina.

“És o campo funesto e rude em que se afina
Pugna estranha; não tens a glória derradeira,
De devolver farpada e vencida a bandeira,
E ser Xerxes embora, ao pé de Salamina.

IV

“No entanto, ao longe, ao longe uma comprida história
De batalhas e descobertas,

Um entrar de contínuo as portas da memória
Escancaradamente abertas,

“Enchia esta nação, que aprendera a vitória
Naquela cressa idade antiga,
Quando, em vez do repouso, era a lei da fadiga,
E a glória coroava a glória.

“E assim foi, palmo a palmo, e reduto a reduto,
Que um punhado de heróis, que um embrião de povo
Levantara este reino novo;

“E livre, independente, esse áspero produto
Da imensa forja pôde, achegando-se às plagas,
Fitar ao longe as longas vagas.

V

“Era escasso o torrão; por compensar-lhe a minguia,
Assim foi que dobraste aquele oculto cabo,
Não sabido de Plínio, ignorado de Estrabo,
E que Homero cantou em uma nova língua.

“Assim foi que pudeste haver África adusta,
Ásia, e esse futuro e desmedido império,
Que no fecundo chão do recente hemisfério
A semente brotou da tua raça augusta.

“Eis, Lusitânia, a obra. Os séculos que a viram
Emergir, com o sol dos mares, e a poliram,
Transmitem-lhe a memória aos séculos futuros.

“Hoje a terra de heróis sofre a planta inimiga...
Quem pudera mandar aqueles peitos duros!
Quem soubera empregar aquela força antiga!”

VI

E depois de um silêncio: – “Um dia, um dia, um dia
Houve em que nesta nobre e antiga monarquia,
Um homem, – paz lhe seja e a quantos lhe consomem
A sagrada memória, – houve um dia em que um homem

“Posto ao lado do rei e ao lado do perigo
Viu abater o chão; viu as pedras candentes
Ruírem; viu o mal das cousas e das gentes,
E um povo inteiro nu de pão, de luz e abrigo.

“Esse homem, ao fitar uma cidade em ossos,
Terror, dissolução, crime, fome, penúria,
Não se deixou cair co’ os últimos destroços.

“Opôs a força à força, opôs a pena à injúria,
Restituiu ao povo a perdida hombridade,
E onde era uma ruína ergueu uma cidade.

VII

“Esse homem eras tu, alma que ora repousas
Da cobiça, da glória e da ambição do mando,
Eras tu, que um destino, e propício, e nefando,
Ao fastígio elevou dos homens e das cousas.

“Eras tu que da sede ingrata de ministro
Fizeste um sólio ao pé do sólio; tu, sinistro
Ao passado, tu novo obreiro, áspero e duro,
Que traçavas no chão a planta do futuro.

“Tu querias fazer da história uma só massa
Nas tuas fortes mãos, tenazes como a vida,
A massa obediente e nua.

“A luminosa efigie tua
Quiseste dar-lhe, como à brônzea estátua erguida,
Que o século corteja, inda assustado, e passa.

VIII

“Contra aquele edifício velho
Da nobreza, – elevado ao lado do edifício
Da monarquia e do evangelho, –
Tu puseste a reforma e puseste o suplício.

“Querias destruir o vício
Que a teus olhos roía essa fábrica enorme,
E começaste o duro ofício
Contra o que era caduco, e contra o que era informe.

“Não te fez recuar nesse áspero duelo
Nem dos anos a flor, nem dos anos o gelo,
Nem dos olhos das mães as lágrimas sagradas.

“Nada; nem o negror austero da batina,
Nem as débeis feições da graça feminina
Pela veneração e pelo amor choradas.

IX

“Ah! se por um prodígio especial da sorte,
Pudesses emergir das entranhas da morte,
Cheio daquela antiga e fera gravidade,
Com que salvaste uma cidade;

“Quem sabe? Não houvera em tão longa campanha
Ensanguentado o chão do luso a planta estranha,
Nem correr a nação tal dor e tais perigos
Às mãos de amigos e inimigos.

“Tu serias o mesmo aspérrimo e impassível
Que viu, sem desmaiar, o conflito terrível
Da natureza escura e da escura alma humana;

“Que levantando ao céu a fronte soberana,
– “Eis o homem!” disseste – e a garra do destino
Indelével te pôs o seu sinal divino”.

X

E, soltado esse lamento
Ao pé do grande moimento⁶⁵,
Calou-se a voz, dolorida
De indignação.

Nenhum outro som de vida
Naquela igreja escondida...
Era uma pausa, um momento
De solidão.

E continuavam fora
A morte, dona e senhora
Da multidão;

E devastava a batalha,
Como o temporal que espalha
Folhas ao chão.

XI

E essa voz era a tua, ó triste e solitário
Espírito! eras tu, forte outrora e vibrante,
Que pousavas agora, – apenas cintilante, –
Sobre o féretro, como a luz de um lampadário.

Era tua essa voz do asilo mortuário,
Essa voz que esquecia o ódio triunfante
Contra o que havia feito a tua mão possante,
E a inveja que te deu o pontual salário.

E contigo falava uma nação inteira,
E gemia com ela a história, não a história
Que bajula ou destrói, que morde ou santifica.

⁶⁵ Na edição das *Poesias completas* (1937) de W. M. Jackson, o verso foi transcrito com a palavra “movimento”. Nas edições de 1944 e 1950 optou-se por “monumento”. Na edição de 1955, o verso voltou ao termo original: “moimento”. Péricles Eugênio da Silva Ramos, na antologia *Machado de Assis: Poesia* (1964), também opta por “monumento”, e argumenta que o metro usado no soneto X é o de oito sílabas, com exceção dos versos finais de cada estrofe, que contam quatro sílabas. (N. E.)

Não; mas a história pura, austera, verdadeira,
Que de uma vida errada a parte que lhe fica
De glória, não esconde às ovações da glória.

XII

E, tendo emudecido essa garganta morta,
O silêncio voltara àquela nave escura,
Quando subitamente abre-se a velha porta,
E penetra na igreja uma estranha figura.

Depois outra, e mais outra, e mais três, e mais quatro.
E todas, estendendo os braços, vão abrindo
As trevas, costeando os muros, e seguindo
Como a conspiração nas tábuas de um teatro.

E param juntamente em derredor do leito
Último em que descansa esse único despojo
De uma vida, que foi uma longa batalha.

E enquanto um fere a luz que as tenebras espalha,
Outro, com gesto firme e firmíssimo arrojo,
Toma nas cruas mãos aquele rei desfeito.

XIII

Então... O homem que viu arrancarem-lhe aos braços
Poder, glória, ambição, tudo o que amado havia;
Esse que foi o sol de um século, que um dia,
Um só dia bastou para fazer pedaços;

Que, se aos ombros atara uma púrpura nova,
Viu, farrapo a farrapo, arrancarem-lha aos ombros;
Que padecera em vida os últimos assombros,
Tinha ainda na morte uma última prova.

Era a brutal rapina, anônima, noturna,
Era a mão casual, que espedaçava a urna
A troco de um galão, a troco de uma espada;

Que, depois de tomar-lhe esses sinais funestos
Da sombra de um poder, pegou dos tristes restos,
Ossos só, e espalhou pela nave sagrada.

XIV

Assim pois, nada falta à glória deste mundo,
Nem a perseguição repleta de ódio e sanha,
Nem a fértil inveja, a lívida campanha,
De tudo o que radia e tudo que é profundo.

Nada falta ao poder, quando o poder acaba;
Nada; nem a calúnia, o escárnio, a injúria, a intriga,
E, por triste coroa à merencória liga,
A ingratidão que esquece e a ingratidão que baba.

Faltava a violação do último sono eterno,
Não para saciar um ódio insaciável,
Insaciável como os círculos do inferno.

E deram-ta; eis-te aí, ó grande invulnerável,
Eis-te ossada sem nome, esparsa e miserável,
Sobre um pouco de chão do ninho teu paterno.

Fonte: Rutzkaya Queiroz dos Reis (Org.), *A poesia completa de Machado de Assis*. São Paulo: Edusp/ Nankin, 2009, pp. 522-9.

JOSÉ BRANQUINHO [1905]

Jesuítas de sotaina: o braço de Pombal
Ainda vos aponta o vasto mar profundo,
Numa lei salutar, mostrando a todo o mundo,
Que vós sois o travão do amor universal.

Ocultais na batina a luz do sol fecundo;
Ludibriais ao povo o credo social;
Por isso é que o Marquês vos brada'inda iracundo:
«Fora do meu país! Fora de Portugal!»

E das praias do Tejo uma horda de selvagens,
A'quela voz partiu do solo português,
Deixando o sol banhar as nossas paisagens,

E labutar na herdade o rude camponês.
Deixai-vos lá ficar! Vivei nessas paragens,
Que ainda vos fulmina o riso do Marquês!

Fonte: José Branquinho, *A estátua de Pombal (Poemeto anti-jesuitico)*. Lisboa: Typ. Lealdade, 1905, p. 12. Seleccionado pela equipe constituída por José Eduardo Franco, Madalena Costa Lima, Ricardo Ventura e João Cambado, responsáveis pela pesquisa e transcrição.